Ano XXII — Lisboa, Fevereiro de 1966 — N.º 250

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Tele's: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ● Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

MEDIOCRIDADE

ASSIM como existem palavras que parecem exprimir ideias e sentimentos que se enquadram perfeitamente no pensamento do Escotismo, outras há que se podem classificar de antagónicas do espírito que preside ao nosso Movimento. Está neste caso o termo *medíocre*. Qualquer dicionário nos dirá que *medíocre* quer dizer *mediano*, que fica entre grande e pequeno, entre o bom e o mau. Medíocre é pois aquele que não chega a ser suficiente sem, no entanto, ser demasiadamente mau. Podemos classificar de medíocres os débeis, os pusilânimes, os *águas-mornas*, aqueles que não têm entusiasmo nem força de vontade, que se colocam entre a competência e a incapacidade. Concordemos que nenhum destes se pode afirmar com justiça um autêntico escoteiro.

O Escoteiro é exactamente aquele que luta pela suficiência, que trabalha pela perfeição, que se esforça ser bom, útil, corajoso, forte. Toda a escola escoteira visa obter estes resultados. Por isso, os lobitos dão os seus primeiros passos proclamando o *melhor possível*; e o escoteiro afirma-se *sempre pronto*. O homem pronto é exactamente aquele que não aceita a mediocridade em qualquer campo e procura estar preparado para em todas as oportunidades marcar com eficiência a sua presença.

Poderíamos classificar o Escotismo como a escola da eficiência. Onde há eficiência a mediocridade não tem lugar. E, afinal, o mundo precisa hoje de homens eficientes em todos os sectores de actividade. Por isso, o Escotismo se revela como o movimento educativo que melhor responde às necessidades da hora presente.

Estas considerações levam-nos a concluir que o Escotismo não poderá nunca pactuar com a mediocridade. Onde houver uma patrulha medíocre, um grupo ineficiente, uma associação fraca e desorganizada, não há realmente Escotismo. Podemos não dispor de grandes efectivos, não promover actividades de grande projecção pública, mas teremos de possuir escoteiros de alta qualidade, patrulhas e grupos de alto nível, um Movimento de forte personalidade e profunda influência educativa. Se assim não acontecer, se a mediocridade imperar através de todos os órgãos associativos, então teremos de confessar que estamos cavando o desprestígio do Escotismo.

Felizmente que isso não acontece. Mas se não tomarmos providências adequadas e não decidirmos realizar um esforço para acabar com a imobilidade em que temos vivido, certamente que estaremos conduzindo os Escoteiros de Portugal para uma crítica situação de mediocridade, que seria a negação dos ideais de Baden-Powell.

Agora, que se vai reunir um Conselho Nacional de Chefes, parece oportuno oferecer este tema para meditação e estudo, na esperança de que se tomem a tempo as deliberações que as circunstâncias aconselham.

Repartição Mundial do Escotismo

MENSAGEM DO DIA DO FUNDADOR

22 DE FEVEREIRO DE 1966

O Dia do Fundador é seguramente uma data do maior significado. E' o dia em que o nosso pensamento se eleva em gratidão para com o homem que deu início a esta grande e maravilhosa fraternidade que envolve o globo, e na qual temos o privilégio de participar. Este ano — 1966 — será um desafio para que nos preparemos para acontecimentos tais como o Jambori Mundial de 1967. Vamos encontrar, certamente, dificuldades, mas quase ouvimos a voz do Chefe dizer: **Bem, arregacem as mangas e lancem-se à tarefa.** *Eu próprio quero estar preparado para fazer isso, dentro das minhas limitações, e espero que cada um de vós seguirá para a frente, com vigor e entusiasmo renovados.* Vivei *o vosso Escotismo e dai-lhe tudo o que puderdes. Não vos contenteis com meias medidas.*

Uma grande contribuição de ideias e tempo tem sido recentemente dada e mais será ainda feito no futuro para planear o nosso progresso. Isso é uma grande coisa e devemos fazer os nossos planos com todo o cuidado se queremos levar as alegrias do Escotismo àqueles que queiram juntar-se a nós. Mas, como B.-P. apontou, nós somos um Movimento, não uma organização. Lembremo-nos que, sejam quais forem as últimas e modernas modificações que adopte-

Segue na pág. 5

três parágrafos sobre educação

● Graças a uma prodigiosa imaginação, a criança interessa-se por tudo o que é maravilhoso, por tudo o que é ficção; deixa-se atrair pelo mistério, chega mesmo, em certas idades, a construir um mundo de irrealidades, onde vive extraordinárias aventuras. Levada por estes impulsos imaginativos, a criança faz, por vezes, afirmações e toma atitudes que os adultos imponderadamente classificam de faltas de verdade, apenas por interpretarem, segundo critérios de ordem moral, o que deviam encarar como mera manifestação psicológica. As crianças, até à terceira infância, não mentem nem enganam, na verdadeira acepção do termo. Simplesmente exteriorizam o que a sua fértil imaginação vai criando. Também não confundem inteiramente o que é real com o que não é: antes sabem distinguir o que não é «a sério» do que é «a fingir». Não são, portanto, insensíveis ao grau de verdade que os adultos usam no seu tratamento para com elas.

● Anos depois adolescentes, continuarão a imaginar, a refugiarem-se num mundo de sonho e de irrealidade, sentindo um prazer especial em divagar. Mas então, com mais acuidade, serão sensíveis à verdade das palavras e dos factos. Numa ânsia desmedida de autenticidade, não suportarão nem a hipocrisia nem a mentira. Descobri-las será motivo de desilusão, de desencantamento, de revolta, por vezes. Os jovens preferem a franqueza rude ao disfarce estudado; atormenta-os a desconfiança dos outros, ainda que só a suspeitem.

● Por isso, os pais devem vigiar constantemente pela veracidade do seu comportamento junto dos filhos: devem fazer um esforço de coerência, para comunicarem às crianças em cada momento toda a verdade que elas são capazes de aprender e para inspirar nos jovens toda a confiança que eles precisam de sentir. Os pais devem respeitar o mundo de sonho e de mistério próprio dos filhos, sem deixarem de transmitir toda a verdade do mundo que os espera. Até mesmo a chamada «mentira piedosa» devem evitar, quer ela se refira às «cegonhas que trazem os bebés» ou aos «polícias» e «velhos de saco» que levam os meninos fastientos. Porque um dia virá em que os filhos, já descrentes de «papões» e de «bichos escondidos no fundo das arcas», precisarão de se apoiar com firmeza na orientação paterna e precisarão de ter a certeza inabalável de que vale a pena segui-la, porque os pais nunca mentiram.

Do Boletim da «União Pró-Família»

N. da R. — Recomendamos o primeiro parágrafo à atenção dos Dirigentes de Lobitos, embora tenhamos a certeza de que nenhum chefe de Alcateia ignora o que ali se revela; aos Chefes de Escoteiros recomendamos os dois últimos parágrafos onde há muito que ponderar acerca das relações com os rapazes na vida do Grupo.

As Igrejas e o Escotismo

Opiniões autorizadas

Para os Dirigentes Escoteiros é muito agradável ouvir apreciações tão lisonjeiras a favor do Escotismo. Tais palavras de louvor e apreço dão-nos a certeza de que o Movimento Escoteiro, que vive em contacto com personalidades tão destacadas e ilustres, tem merecido, pela sua acção e pelo nível do seu trabalho, a gratidão daqueles que se interessam pela formação e educação dos novos.

Pergunta-se, porém, se o nosso próprio trabalho, o Escotismo que estamos produzindo, a obra de educação que promovemos através dos nossos Grupos e Associação poderá merecer iguais manifestações de apreço.

Este é um ponto em que cada um de nós deve meditar.

Carta de S. S. Paulo VI ao Arcebispo de Atenas por ocasião do Jambori Mundial de 1963

Tendo conhecido nós mesmos e muito de perto o Escotismo, apreciamos desde há muito tempo as virtudes educativas deste magnífico Movimento, a sua aptidão para desenvolver na alma dos jovens os melhores elementos da personalidade: culto da honra e da lealdade, serviço do próximo num espírito de entrega fraterna, adestramento do valor físico e moral mediante uma disciplina voluntàriamente aceite, outros valores que o Cristianismo reconheceu sempre como seus e sempre estimou. Verificar que este ideal é compartilhado e realizado por cada vez maior número de jovens em todo o mundo é para nós motivo de profunda alegria e de firme esperança.

Oxalá que o vosso grande jogo de amizade, *símbolo do espírito que vos anima, ajude a superar as barreiras artificiais aqui levantadas entre os homens ou os grupos étnicos, que seja para todos um estímulo para progredir pelos caminhos da fraternidade universal, apontada por Cristo, fundamentalmente no reconhecimento de* Deus Único e Todo Poderoso, *Pai de todos os homens... Estes são os nossos desejos para o vosso* Jambori!

Bispo Reuben H. Mueller, Presidente do Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos

As nossas igrejas locais têm aberto universalmente as suas portas e dado lugar ao programa escoteiro, como parte integral do seu trabalho de educação cristã.

As nossas instituições estatais e nacional de educação cristã têm estado muito activas procurando que as paróquias patrocinem Grupos de Escoteiros. A este respeito temos preferido que estes Grupos estejam constituídos por rapazes da vizinhança e sejam supervisados pelos membros da Direcção e pelos Chefes de Unidades, dirigentes laicos activos nas nossas igrejas cristãs.

O Escotismo tem proporcionado uma grande contribuição nas vidas de muitos dos nossos clérigos e nas dos dirigentes laicos de nossas Igrejas: Eles aprenderam na sua juventude «que um Escoteiro é reverente». Damos graças a Deus de que exista esta instituição, que procura formar o carácter sobre bases tão sólidas.

Bispo Richard C. Raines, da Igreja Metodista, da área de Indiana, Estados Unidos

O Escotismo é útil à Igreja, aos homens, às famílias e aos rapazes.

A fé deve estar ligada às obras. Os ideais devem ser parte da vida por meio de bons hábitos. No Escotismo as ideias e a acção vão unidas. Sob o patrocínio da Igreja, o Escotismo proporciona uma oportunidade de serviço, de camaradagem e de esforço.

Dr. Clyde W. Taylor, Director Geral da Associação Nacional Evangélica

Desde a sua criação, o Movimento Escoteiro demonstrou a sua valia na nossa juventude nacional. É por isto que muitas igrejas têm escolhido o escotismo como parte principal do seu trabalho entre os rapazes. Muitas igrejas evangélicas já contam com programa Escoteiro ou se preparam para criá-lo no futuro. O Escotismo certamente está de acordo com as metas espirituais das Igrejas Evangélicas.

Rabi Uri Miller, Presidente do Conselho de Sinagogas dos Estados Unidos

O Conselho de Sinagogas dos Estados Unidos considera o Movimento Escoteiro como o maior factor no fortalecimento da fibra moral da vida americana. Hoje, «mais que nunca» quando uma crise moral depois de outra, confronta e confunde o mundo, a reverência a Deus, e o respeito ao próximo devem sublinhar toda a aproximação e relação humanas se se quer que os valores humanos sobrevivam neste mundo. A tradição religiosa judaica leva-nos a aplaudir e a apoiar o programa dos «Escoteiros da América» na construção de um mundo melhor.

Arcebispo Iakovos, da Arquidiocese da América do Norte e do Sul, da Igreja Ortodoxa Grega

As religiões da nossa grande terra não sabem de outra organização que melhor possa treinar e inspirar as nossas crianças e jovens numa acção construtiva, que o Escotismo. Nestes tempos críticos é alentador e confortante saber que as essências do nosso futuro — o carácter dos nossos jovens, a sua integridade, o seu serviço ao próximo e os seus deveres para com Deus e a pátria —, sejam os fundamentos do Movimento Escoteiro no qual as Igrejas Católicas Ortodoxas Orientais da América têm o privilégio de participar.

Caetano Alberto,

o homem e o artista

Diante de nós, temos um óleo de José Campas, figurando um homem de barba branca, cabelo farto, um jeito de bondade no rosto.

É Caetano Alberto da Silva.

Hoje, decorridas três décadas sobre o desaparecimento do venerando mestre, afigura-se-nos um dever recordar essa figura extraordinária de artista, realizador e homem de bem.

Nascido em 7 de Agosto de 1843, Caetano Alberto era filho do advogado Dr. José Umbelino da Silva e de sua mulher, Gertrudes Magna da Silva. Perdeu seu pai aos seis anos de idade, e sua mãe pretendia que ele seguisse a vida eclesiástica; mas o destino opôs-se, e, assim, em 1855, aos doze anos, vemos o futuro artista, a bordo de uma barca de seu tio, a caminho do Brasil. No Rio de Janeiro, empregou-se numa casa italiana, onde, devido às suas qualidades, era muito estimado. Volvidos, porém, quatro anos, cheio de saudades da mãe, Caetano Alberto regressava ao reino, num brigue de vela, em que fez uma viagem tormentosa e longa. Em Lisboa, trava conhecimento com o notável artista Nogueira da Silva, com quem aprende gravura, para a qual mostra vocação decidida.

Em 1861, no *Arquivo Pitoresco*, aparecem os seus primeiros trabalhos. A gravura em madeira tenta-o, e, apenas com dezoito anos, entrega-se-lhe de corpo e alma. Nesses tempos, relativamente próximos, em que não existiam os recursos de hoje e as gravuras eram feitas, pacientemente, com buris de várias espessuras, e em que a própria fotografia — arte ainda na infância — tinha de ser copiada, por desenho, para a madeira, Caetano Alberto, devido à sua vontade de vencer, alcançou lugar de destaque entre o nosso escol de gravadores.

Em 1869, conseguiu a sua independência com a abertura de um pequeno *atelier*, em que procurou — refere o *Dicionário Portugal*, donde respigamos estas notas — «*fazer da parte da gravura em madeira no nosso país, uma profissão notável e progressiva*».

O tempo continuou rolando. Caetano Alberto não tinha mãos a medir, absorvido no seu sonho.

As melhores publicações da época — que, ainda hoje, transpostos tantos anos, se contemplam com enternecimento — eram honradas com obras do infatigável artista. A revista *Artes e Letras*, o *Hissope*, a edição de *Os Lusíadas*, do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, a *História de Portugal*, editada pela Empresa Literária Fluminense, a obra *Rainhas de Portugal*, de Fonseca Benevides, apareciam ilustradas com gravuras de Caetano Alberto.

Através de um esforço incomparável, o gravador firmava os seus créditos. Mas o seu título de glória consistiu na publicação de *O Ocidente*.

Foi em Janeiro de 1878, que, com Guilherme de Azevedo e Brito Rebelo, directores literários, Caetano Alberto deu realidade a esse notável empreendimento. Para si, reservou a direcção artística, partilhada com Manuel de Macedo, grande desenhador da época. Na lista dos colaboradores, figuravam Antero do Quental, António Enes, Camilo, Junqueiro, Latino Coelho, Maria Amália, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Ramalho e tantos outros. Como artistas, assinavam colaboração os nomes grados de Columbano, pai Bordalo Pinheiro e Soares dos Reis.

No fascículo espécime, *O Ocidente* definiu a sua atitude. Destinava-se a relatar, pelo artigo e pela gravura, os acontecimentos notáveis do País e do estrangeiro. À evocação histórica, aliar-se-ia um elevado sentido das oportunidades.

«*Merecer-nos-á* — dizia o artigo de apresentação — *um cuidado especial a exploração portuguesa empreendida hoje no interior de África. A gravura completará devidamente a narração da viagem. Toda a importância científica e todo o aspecto pitoresco da aventurosa expedição geográfica, serão comemoradas n' O Ocidente como um dos factos mais salientes da moderna vida nacional*».

Efectivamente, Caetano Alberto jamais se desviou das directrizes traçadas. Nessa primorosa colecção passaram a relatar-se, devido às melhores penas e aos mais experimentados buris, os acontecimentos de mais sensação. No Continente Negro, relampejavam, de quando em vez, «espadas largas», e homens destemidos e sábios procuravam, sôfregamente, à custa de todos os sacrifícios, arrancar-lhe os segredos. As invenções e as descobertas sucediam-se: o caminho de ferro, por exemplo, ensaiava os primeiros passos. De todos os acontecimentos que enchiam a História do mundo, dava notícia a obra magistral de Caetano Alberto, desse singular temperamento de artista.

O primeiro número de *O Ocidente* constituiu verdadeiro sucesso, nesta Lisboa pacata e rotineira, que não esquecera ainda o Passeio Público e ia ouvir, com enlevo, os Rosas e o Brasão. O frontispício, inseria uma bela gravura de Caetano Alberto sobre desenho de Macedo, representando Alexandre Herculano e o *fac-simile* da sua assinatura. Depois, continuando a folheá-lo, deparava-se-nos o artigo de fundo, assinado por António Enes, e dedicado à memória do grande historiador que, três meses antes, havia adormecido para sempre no seu voluntário isolamento de Vale de Lobos. Pinheiro Chagas, o notável polígrafo, assinava um artigo, intitulado «*Diálogo entre 1877 e 1878*». Depois, além de outras gravuras, um trabalho de Luciano Cordeiro sobre a expedição geográfica portuguesa à África, por Serpa Pinto, Capelo e Ivens. Por último, Guilherme de Azevedo firmava a «*Crónica Ocidental*».

Pode afirmar-se, sem receio de desmentido, que *O Ocidente* veio prestar serviço de valia à nossa cultura. Ainda hoje é com emoção que se folheiam os números saídos durante trinta e oito anos, e que permitem avaliar o esforço, a tenacidade e a competência do grande artista, que viu a sua obra agraciada em várias exposições nacionais e estrangeiras, e, em 1897, recebeu a insígnia de cavaleiro de S. Tiago.

Mas, não foi apenas à gravura em madeira que Caetano Alberto se dedicou. Além da actividade editorial, as letras tentaram-no, e, assim, são de sua autoria: *O descobrimento das Filipinas*, *A Campanha de África contada por um sargento*, e *Contos e digressões*. A propósito deste livro, o Conde de Nova Goa, D. Luís de Castro, a quem Caetano Alberto ofereceu um exemplar, escreveu-lhe uma carta, que, como muitas outras, se encontra inédita e carinhosamente conservada e da qual extraímos as seguintes passagens:

Praia das Maçãs, 20-8-909.

Meu Ex.mo e prezado amigo:

Há dois dias que me chegou às mãos o seu livro encantador como uma flor do campo na sua simplicidade e no seu aroma são.

Conhecia algumas dessas obrinhas e tem sido para mim um prazer reatar relações com elas.

SEGUE NA PÁGINA 8

EXEMPLOS
ESCOTEIROS

Sorrir às dificuldades...

Todos nós julgamos que o riso é tão natural ao homem como a respiração e a palavra e por isso se afirma nos livros escotistas que o escoteiro deve sorrir em todas as dificuldades. Com um sorriso tudo se pode vencer.

Existem, porém, quinze milhões de homens que nunca riem. São os índios da América: Perú, Guatemala, Nicarágua e México.

Gostando de se divertirem e sem serem particularmente tristes, nunca sorriem, nem riem; os únicos entre eles que aprenderam artificialmente a sorrir e a rir são os que vivem do turismo e se deixam fotografar.

Quanto a nós, não devemos só rir para o turismo e quando as coisas nos correm a nosso contento, mas sorrir, sorrir sempre nas grandes dificuldades que a vida nos apresenta.

Sabes, irmão Escoteiro, a origem das meias que usas?

As meias tecidas, cujas formas e aspectos se assemelhavam um pouco às actuais, não apareceram antes do Século XVI. Antes usavam-se tiras que envolviam as pernas ou calções compridos, como na Idade Média. O inventor da máquina de tecer meias foi um inglês chamado Wiliam Lee, que não inspirou nenhuma confiança aos seus compatriotas, e foi a França, chamado por Henrique IV, explorar o seu invento. Depois da morte deste inventor, os seus trabalhos voltaram à Inglaterra, com as máquinas, e foram recebidos de braços abertos. A França teria perdido completamente a indústria de meias de seda se não fosse a intervenção do ministro Colbert, que encarregou o mecânico Jean Hildrea de procurar, por qualquer preço, os planos da máquina de tecer meias.

Arriscando a sua vida, levou-os para a França e instalou no Castelo de Madrid, no Bosque de Bolonha, uma fábrica cujos produtos foram oferecidos ao rei, sendo-lhe concedido o privilégio de poder adoptar, como marca, UMA FLOR DE LIS.

Não sejas como a aranha, porque de loutas ceias estão as campas cheias

Qual o animal que mais come? À primeira vista parece ser o Leão, o Elefante ou mesmo um Touro.

Mas não! Um sábio de Maniqué (há sábios para tudo) chegou à conclusão que o animal que mais come é a aranha. Na sua primeira refeição, é capaz de comer uma quantidade equivalente ao triplo do seu peso, ao almoço nove vezes mais e ao jantar três vezes mais. Equivale isto a dizer que, em 24 horas, a aranha consome insectos cujo peso é 15 vezes superior ao do seu próprio corpo.

Não sejas aranhiço, vigia a saúde.

EUGÉNIO RIBEIRO NUNES



O homem é fraco por natureza, mas assim como a criança se apoia no braço do adulto para não tropeçar, assim nós nos devemos apoiar na mão de Deus para não cair.

Isto está dentro do nosso Compromisso de Honra. Baden-Powell teve, certamente, este pensamento em vista quando estabeleceu a fórmula do Compromisso. Primeiro, prometemos *amar e servir fielmente a Deus* e todas as outras coisas que prometemos devem ser a consequência desta disposição de espírito, deste Ideal de vida.

Eu sei, meu amigo, que muitos não gostam e não concordam com isto, mas estes pensamentos são boa doutrina escotista de Baden-Powell. Se tirarem estes princípios ao Escotismo, ele ficará um corpo sem espírito, será uma organização de meros formalismos, com coisas muito interessantes, mas sem atingir os objectivos propostos.

Concordo contigo que será impossível cumprir fielmente a lei. Mas ela deve constituir o nosso Ideal e, assim como o pedestrianista corre para a meta, assim nós devemos avançar na direcção do Ideal.

BALU

CASAMENTO

Em 1 de Janeiro passado, realizou-se no Entroncamento o enlace matrimonial do nosso estimado amigo e correspondente naquela vila, sr. Manuel Ferreira Valério, com a sr.ª D. Carolina Monteiro. Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. Aníbal Rodrigues Horta, chefe da Grupo n.º 84, e sua esposa, sr.ª D. Maria Silvéria Lopes Franco Horta, e, por parte da noiva, o sr. Aníbal dos Santos Beja e sua esposa, sr.ª D. Júlia Pena Beja.



Sempre Pronto deseja aos noivos as maiores felicidades.

Posto de Observação

Encontro com a Verdade

Embora nada tenha de inédito, a cena surpreendeu-me muito agradàvelmente e bem desejaria dela ter colhido algumas imagens que melhor ilustrariam estas palavras e permitiriam contemplar de novo o colorido espectáculo, talvez para preencher com ele as longas folgas que me permite a inacção dos nossos escoteiros, talvez para ter a certeza de que o Escotismo ainda é Vida, Movimento, Juventude.

Era sábado, 29 de Janeiro de 1966. A manhã estivera chuvosa e a tarde prometia mais água, que não faltou à promessa.

Apesar disso...

Estação do Rossio, 15 horas. A multidão entrava e saía apressada em movimentos sincronizados, repetidos diàriamente. Eu ia no meio da multidão, apressado, alheado, autómato.

Mas eis que a cena se me depara, viva, alegre, contagiante. Um grupo de raparigas «Guias de Portugal», umas vinte, carregando os seus sacos e mantas, preparava-se para partir em direcção ao local da ambicionada actividade.

Certamemte que não iriam ficar ao ar livre, instalar as suas tendas nos terrenos encharcados e impróprios, chafurdar na lama desconsoladamente, mas o facto de se dirigirem para uma actividade colectiva é prova evidente de vitalidade, de juventude, de acção.

Contemplei com inveja aqueles rostos confiantes. A determinação de não serem derrotadas pela invernia estampava-se-lhes nos olhos, percebia-se-lhes nos movimentos. Elas sabiam viver, elas queriam ser juventude, alegria, saúde.

Olhei em volta e, no meio da multidão apressada e autómata, senti-me só. Onde estariam os Escoteiros de Portugal?

Que pena não estarem todos à minha volta com os seus dirigentes para verificarem que o Escotismo ainda existe e como ele atrai, entusiasma e ensina.

Um pequeno grupo de gentis raparigas dir-lhes-ia porquê.

Mariano Garcia

Por absoluta falta de espaço, fomos obrigados a retirar bastante original, entre o qual algum noticiário, pelo que pedimos desculpa a colaboradores e leitores.

Uma carta do sr. coronel Macedo Pinto, antigo dirigente escotista

...Sr. Director do «Sempre Pronto»:

Leio no «SÉCULO» de 14/2/66 o seguinte:

«Proeza digna de menção foi a do pequeno José Manuel Dias Ribeiro, de 10 anos, aluno da escola primária e escuteiro, que no lugar de Pateira, na freguesia de S. Pedro de Merelim, enfrentou corajosa e valorosamente a cheia que inundou a casa do sr. Américo Ferreira Gomes, conseguindo — sòzinho e pelos seus próprios meios retirar do interior da habitação quatro filhos menores do locatário, que se encontravam aterrorizados, refugiados em cima de uma cama».

Ao ler a notícia, a minha atenção prendeu-se à palavra «escuteiro» e por velhice não destruiu em mim bem pelo contrário aumentou, o sentido de humanidade e estoicismo, o facto de José Manuel Dias Ribeiro ser «escuteiro» incendiou um pouco este meu sentir.

De há muitos anos que não convivo com o escotismo, mas quando vivi na Índia ficou-me bem arreigado o seu espírito humano e elevado, dentro de princípios que o enobrecem e aproximam do puro cristianismo.

V., Sr. Director, não deixará de dar o devido relevo e notícia, sem aquele exibicionismo que ultrapassa a consagração e se transformar em vaidade.

Que o escotismo não precisa, nem nunca precisou, de se mostrar em paradas com fanfarra, nem é título de recomendação para auferir benesses.

Isto, só por si, dá-lhe o valor real que o fez dominar o mundo porque se integrou bem no que ele precisava, criando escola com a prática de actos que nobilitam, sem reclame.

Desculpe Senhor Director estas considerações que outro valor não têm, além de uma .... rabugice.

Com os respeitosos cumprimentos de

A. de Macedo Pinto

N. da R. — *As palavras que acima publicamos, longe de constituírem uma rabugice, como o seu autor receia que sejam, demonstram uma saudável disposição espiritual para admirar tudo quanto revela nobreza e elevação de sentimentos.*

A acção do pequeno José Manuel, como afirma o sr. Coronel A. Macedo Pinto, antigo dirigente escotista da Índia Portuguesa, se é motivo para nos enchermos de satisfação por ter sido praticada por um escoteiro, deve, sobretudo, ser tomada como um exemplo a seguir, uma norma de conduta para todos aqueles que, no nosso Movimento, têm encontrado a inspiração e o convite para servir, para serem úteis ao próximo.

Mensagem

Seguimento da página 1

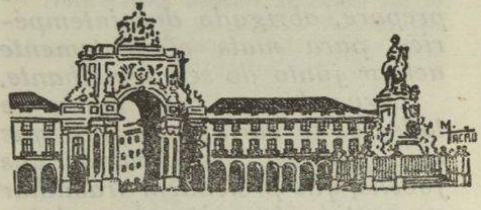
mos, quanto mais retivermos das bases fundamentais da Lei e da Promessa Escoteiras, do característico sistema de treino, com a sua ênfase na aventura do ar livre, dos quais se nutre aquele indefinível espírito escoteiro, menos longe estaremos daquilo que B.-P. esperava de nós.

Em 1920, B.-P. escreveu no meu livro de autógrafos:

Se avançarmos, morreremos;
Se recuarmos, morreremos;
O melhor é avançar-e morreremos.

Estou convencido de que, se seguirmos avante e se fizermos o nosso melhor para viver o Escotismo nas nossas vidas, enquanto não chega o tempo indicado para a nossa passagem desta vida, o movimento não só viverá mas fortalecer-se-á para além dos nossos mais fantasiosos sonhos.

R. T. Lund
Director Interino



ESCOTISMO NA CAPITAL

Um exercício de campo entre os Grupos n.os 8 e 94

No domingo, dia 6 do corrente, escoteiros dos Grupos n.os 8 e 94, num total de 25 rapazes, reuniram-se na Cruz das Oliveiras, no Parque Florestal de Monsanto, para um exercício de conjunto.

A primeira parte foi constituída por uma prova de resistência que se desenvolveu até S. Domingos de Benfica. Aqui efectuou-se mais tarde um encontro de futebol, que terminou com a vitória do Grupo n.º 8 por 1 a 0.

Foram realizados jogos educativos, competições, e provas escoteiras, como: Estudo de uma árvore escolhida no local, levantamentos topográficos ligeiros, moldes de pegadas, tendo alguns trabalhos despertado o interesse do público.

No final, foram dadas as seguintes classificações:

Patrulha Leão, do Grupo 8, 47 pontos; Patrulha Cão, do Grupo 94, com 37 pontos; Patrulha Falcão, do Grupo 8, com 26 pontos.

«Acção internacional da juventude»

A Cruz Vermelha da Alemanha abriu um concurso de pintura e desenho para todos os jovens do país, entre sete até dezoito anos de idade, que funcionará sob o lema «Acção Internacional da Juventude». Os trabalhos devem ser consagrados aos temas: «Serviços de Saúde Pública», «Socorro ao Próximo» e «Em acção pela compreensão dos povos». Entre os valiosos prémios figuram também viagens.

Resultado inesperado!

A Fraternal de Antigos Escoteiros Britânica promoveu no ano passado uma nova e interessante actividade: o primeiro acampamento nacional de Pais & Filhos, que se realizou ao Gilwell Park, praticando-se canoísmo, tiro ao arco, natação e outros desportos, fogo de conselho, serviço religioso, etc. O êxito da iniciativa foi tão notável, que o acampamento se repetirá este ano no fim de semana de 11 e 12 de Junho próximo.

Houve, porém, um feliz resultado do acampamento que os organizadores não poderiam ter previsto. Um chefe de grupo convidou os seus escoteiros a participarem na iniciativa, mas um dos rapazes ficou triste e desapontado porque não poderia ir ao acampamento, já que sua mãe era viúva. O regulamento do campo estipula que cada escoteiro participará com seus pais na actividade, devendo um dos cônjuges ser escoteiro ou membro da Fraternal.

O chefe do grupo sentindo o desapontamento do rapaz, convenceu um seu amigo, viúvo, a apadrinhar o escoteiro e junto de sua mãe levá-lo ao acampamento. Resultado inesperado: viúvo e viúva casaram.

Aniversário de "Sempre Pronto"

Mais alguns amigos se nos dirigiram a enviar-nos cumprimentos e felicitações pela passagem do 21.º aniversário deste jornal.

Registamos, neste mês, as palavras animadoras do nosso bom amigo e prezado colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, e sua Ex.ma Esposa.

Também outro devotado colaborador, o nosso estimado amigo sr. Eugénio Ribeiro Nunes, nos distingue com palavras de muita generosidade e apreço.

De Lagos, também o nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, igualmente colaborador deste jornal, nos dedica palavras de muita simpatia.

Também nos sentimos muito lisongeados com as felicitações do sr. Dr. António Victor Guerra, mui digno director da Biblioteca Pública Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz.

Agradecemos, sensibilizados, a generosidade destes nossos amigos e retribuímos os amáveis cumprimentos que nos dirigiram.

«Diário de Lisboa»

Este importante diário da Capital, referiu-se, com palavras de muita simpatia, ao aniversário do nosso jornal.

Na pessoa do seu distinto director, o sr. Dr. Norberto Lopes agradecemos a amável referência.

Actividades do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal (Angra do Heroísmo-Açores)

Visita cultural de 1 de Dezembro de 1965 ao Aeroporto das Lajes — Terceira



O Capitão Peter Cabeta, oficial de informação da 57.ª Esquadrilha de Busca e Salvamento da AATS, esclarece o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva e os Escoteiros do Grupo 52 da AEP, sobre o novo tipo de aparelho HC — 13OH, utilizado pela sua unidade.

Momentos depois os visitantes entraram num dos aviões, para o observarem de perto.

Na área da 57.ª Esquadrilha, os escoteiros viram uma exposição de material especial, utilizado pelos pára-quedistas em operações de recuperação em voos espaciais. A este acontecimento nos referimos no nosso número anterior.

Quando terá Lagos o seu Grupo de Escoteiros?

Sob o título das presentes linhas, fez o signatário inserir algo no «Jornal do Algarve» de 29 de Janeiro findo.

Ali, como no «Sempre Pronto» de Janeiro, revelou a necessidade de casa para a respectiva sede.

Os entusiastas pela modalidade aumentam, mas poder-se-á constituir família sem lar?

O escoteiro contacta com a Natureza, desejando viver para ela, visto que quanto mais próximo da Natureza, mais próximo de Deus, mas por factores diversos não pode dispensar casa construida pelas criaturas onde se prepare, abrigado das intempéries, para mais eficientemente actuar junto do seu semelhante.

Aguardamos, pois, apoio de todos os lacobrigenses para que seja possível proporcionar aos jovens, que pretendem trabalhar no sentido da união das criaturas sem distinção de qualquer espécie, uma casa.

A casa para sede própria é, como já referimos, o ponto capital para a formação do grupo. O signatário já declarou contribuir com o mínimo de Esc. 50$00 mensais. Estamos convencidos que muito lacobrigenses sentem vontade de o secundar, mas hesitam por receio de contrariarem organizações congéneres.

As portas do escotismo estão abertas para todos, e o verdadeiro escoteiro não pode fechar o seu coração à criatura mais preversa que se possa conceber.

Venham pois ao nosso encontro e Deus os compensará.

O Grupo de Lagos — Uma ideia em marcha?

Quando, pela vontade de vermos a juventude de nossos dias caminhar a passos largos na vereda do bem, iniciámos os nossos apontamentos no «Sempre Pronto», a dúvida de algo conseguirmos vivia em nós. E vivia porque, forçoso é que digamos, à juventude falta a espiritualidade necessária para vencer nos princípios da doutrina de Cristo. E falta, triste é referirmos, porque no lar, na escola, na oficina, na rua só as coisas banais aprendem.

Falar de Deus só se usa nas horas de perigo, e mesmo assim, de forma vaga, reveladora da ausência de fé no que acima de nós existe. Mas como não há regra sem excepção e Lagos parece pretender despertar para uma vida melhor, quase nos atrevemos a dizer que o Grupo de Escoteiros de Lagos é uma ideia em marcha.

Surgiu Dario Barroso, pela graça de Deus, ao nosso sinal de alarme. Segue-se o Tenente Joaquim Afonso Pinto e como a estes conviria um elemento jovem, a sua presença manifesta-se num acto de voluntariedade digno de registo: Carlos Luz Sequeira Dias ofereceu os seus préstimos e já reuniu com Dario Barroso e jovens que esperamos venham a ser futuros guias de patrulha.

O signatário dispunha de casa semi-habitacional para a respectiva sede, mas o inquilino do rés-do-chão alega disposições

Continua na página 7



Mário Pedroso de Lima

Foi a enterrar no dia 1 do corrente no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa, o nosso estimado e antigo assinante sr. Mário Pedroso de Lima, de 58 anos de idade, que foi subchefe dedicado do Grupo n.º 2 numa época em que aquela unidade mantinha uma actividade progressiva.

O Escotismo marcou-lhe a sua personalidade, deixando-lhe um interesse pelo movimento associativo, tendo pertencido aos corpos gerentes da antiga Associação dos Caixeiros, do Sindicato, do Esperanto, dos Inquilinos Lisbonenses e, últimamente, da Caixa Económica Operária. Escreveu algumas peças de teatro, novelas e contos, poesias e crónicas literárias. Em todas as suas actividades marcou sempre um profundo ideal escoteiro.

«Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas a toda a família enlutada, particularmente, a sua viúva sr.ª D. Delmira Rosa Pedroso de Lima.

A Direcção da A. E. P. convocou uma Reunião Nacional de Chefes

Reconhecendo necessidade e vantagem na realização de um Conselho de Chefes ao nível nacional, a Direcção da A. E. P. incumbiu a Chefia-Geral da realização daquela actividade, marcando-a para os dias 12 e 13 de Março próximo.

Entretanto, o Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto, eng.º Nobre Santos, enviou já aos Chefes uma circular, na qual dá a conhecer os objectivos e o programa daquela reunião.

Sabemos que está já assegurada a participação de todos os Chefes de Grupo e dos dois Chefes de Núcleo do Norte.

A seguir transcrevemos parte da referida circular, na qual se diz que os seus objectivos são:

— *Proporcionar convívio entre os Chefes, que é a base fundamental para formar e ampliar amizades (e cremos que tudo, e só isso, se fará nesse sentido).*

— *Desenvolver nos Chefes o poder de organização e de estudo dos problemas.*

Nessa reunião, será estabelecido o diálogo, em mais amplas proporções do que tem vindo a realizar-se ùltimamente, entre a Chefia-Geral e os vários organismos que compõem a A. E. P.. Esperemos que o diálogo se estabeleça dentro de um espírito de ajuda e boa compreensão e por forme objectiva e sentido das realidades.

O Escotismo é para os rapazes, mas os Chefes também têm de o praticar. É porque em Escotismo não basta saber como se faz ou deve fazer, mas sim é indispensável fazer, há que dar aos Chefes a oportunidade de praticarem Escotismo, e a realização de reuniões como aquela que se anuncia é uma das oportunidades de pôr em prática aquilo que se aprendeu.

Desde a decisão para tomar parte na reunião, passando pelos preparativos para nela estar presente, até à intervenção nos trabalhos que nela decorrem, não esquecendo ainda a organização da conjugação de esforços de auxílio mútuo, de modo a conseguir-se maior número de participantes, principalmente daqueles que estão mais longe do local da reunião, tudo isso porá à prova aquilo que cada um será capaz de fazer, dentro dos princípios escotistas. Isso será, afinal, o Escotismo que cabe aos Chefes praticar.

As reuniões de trabalho realizar-se-ão na Sede dos Serviços Centrais, no Cais do Sodré, em Lisboa.

PROGRAMA GERAL

Dia 12 — *A partir das 18.00 horas. Recepção dos participantes; inscrições e preparativos gerais.*

21.30/24.00 — 1.ª Reunião de trabalhos:
— *Apresentação de relatórios dos trabalhos efectuados nos diversos sectores.*
— *Comentários sobre cada um dos relatórios com vista à preparação das acções futuras.*

Dia 13 — *9.00/10.30* — 2.ª Reunião de trabalhos:
— *Apreciação das realizações em curso ou futuras:*
Concurso Geral Interpatrulhas «Patrulhas Piloto, 66»
Acampamento Nacional de 1966.
Cursos de Chefes (II Parte da I. M.) e de Guias de Patrulha».

10.45/12 — 3.ª Reunião de trabalhos:
— *Apreciação dos resultados da aplicação do novo programa de classes escotistas (II Parte do P. O. R.)*

Nota — *Seria bastante apreciado que os Chefes de unidades de instrução, apresentassem os casos concretos que observaram com a aplicação dos novos programas.*

12.10/13.00 — 4.ª Reunião de trabalhos:
— *Análise dos aspectos tendentes a desenvolver e melhorar o estado actual da A. E. P.:*
— *Porquê tão poucas classes entre os Escoteiros?*
— *Como ampliar os meios de recrutamento de Chefes e de rapazes? Quais os meios em que cada Grupo actua? Que se poderá fazer para ampliar os meios de acção?*
— *Como ampliar os meios financeiros dos Grupos?*

13.00/14.30 — *Almoço em conjunto*
— *Tentativa de redacção de conclusões e recomendações.*
— *Encerramento.*

Concurso "Valores Humanos"

Apesar dos nossos esforços para proporcionar aos nossos leitores mais jovens um passatempo útil, instrutivo e sem dificuldades de maior, ainda com a possibilidade de obterem alguns interessantes prémios, foi extremamente fraca a correspondência que tivemos a esta iniciativa, o que prova o desinteresse dos escoteiros mais novos por empreendimentos deste género, demonstração de inércia que os dirigentes dos grupos têm o dever de expurgar dos hábitos da gente nova, a bem do Escotismo.

Foram só três os concorrentes a este passatempo e nenhum deles conseguiu pontuação suficiente para que lhe fosse atribuído um dos prémios.

São estes os concorrentes: — Dinis José de Almeida Figueiredo, de Lisboa: 4 pontos. — José Manuel Camarada Veia, de Vila Real de Santo António: 3 pontos. — Teresa Maria Martins de Figueiredo, de Lisboa: 1 ponto.

As soluções do concurso são as seguintes:

Figura n.º 1 — REMBRANDT Van Ryn.
Figura n.º 2 — Isaac NEWTON.
Figura n.º 3 — Abraão LINCOLN.
Figura n.º 4 — João Baptista Poquelin (MOLIÈRE).
Figura n.º 5 — Dr. José Tomás de SOUSA MARTINS.
Figura n.º 6 — ARISTÓTELES.
Figura n.º 7 — Wolfgang Amadeu MOZART.
Figura n.º 8 — SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

Quando terá Lagos o seu Grupo de Escoteiros?

Seguimento da pág. 6

contrárias à ocupação para fins associativos. Os organizadores tentam uma casa para a sede. O meio é ingrato para algo se conseguir no sentido do bem colectivo, mas como «Deus não falta aos que actuam por bem», estamos confiados, que alma generosa surgirá que facilite um armazém que seja para iniciarmos algo que pode contribuir para formar os homens de amanhã.

Joaquim de Sousa Piscarreta

FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

Aniversário da Secção Filatélica

A Secção Filatélica fez sete anos. Este acontecimento foi assinalado no dia 23 de Janeiro p. p. com a realização do habitual jantar da «Tertúlia», ao qual se seguiu uma reunião evocativa na Sede da Fraternal.

Ao jantar, estiveram presentes cerca de 30 pessoas, entre «antigos» e suas famílias, tendo decorrido com a habitual boa disposição e camaradagem.

Na sessão realizada na Sede, falou o companheiro Mariano Garcia, secretário da Direcção, que justificou a falta do Presidente, companheiro Humberto Martins, por motivo de doença e pôs em destaque o excelente trabalho desenvolvido pela Secção Filatélica dentro e fora da Fraternal, *salientando o esforço e dedicação do único dirigente com que aquela Secção conta, o querido companheiro Ernesto Clímaco do Nascimento.*

Este referiu-se depois, com a sua conhecida modéstia, ao trabalho já feito e ao muito que ainda deseja fazer, sendo interessante dar o merecido destaque ao projecto de promover junto dos grupos de escoteiros exposições itinerantes acompanhadas de palestras educativas sobre o valor da filatelia.

Falaram em seguida os companheiros Luís Simões Aurélio, eng.º José M. Nobre Santos, João Henrique Soares e Eduardo Xavier, tendo este entregue, em nome da Secção de Campismo, um bonito galhardete como homenagem à Secção Filatélica.

A secção publicou um sobrescrito com carimbo comemorativo do 8.º aniversário e a marca do correio do Acampamento do Jubileu. Agradecemos o exemplar oferecido.

Boa acção

Por iniciativa do companheiro Amílcar Fernandes, realizou-se durante a reunião do dia 18 de Dezembro, a que nos referimos no nosso último número, um ofertório para ajudar à aquisição do uniforme para um escoteiro ou lobito.

O referido ofertório rendeu esc. 135$00, a que vai ser dada a conveniente aplicação.

Quantos somos?

Os Serviços Centrais enviaram aos Grupos os boletins de recenseamento, que nos darão a conhecer a extensão da Família Escotista que faz parte da A. E. P.

Pretende-se saber quantos somos e quanto valemos. Os Serviços Centrais consideram indispensáveis os elementos a colher nos referidos boletins para o estabelecimento de futuros programas.

O preenchimento daqueles boletins deverá ser feito conforme estipula a alínea b) do Art.º 81.º do P. O. R. (Regulamento Geral) I parte.

Os Serviços Centrais esperam que todos os grupos cumpram aquela norma regulamentar com a maior brevidade, tanto mais que os números apurados deverão ser transmitidos à Repartição Mundial de Escotismo para a elaboração da sua Estatística.

SEMPRE PRONTO

Número 250

Fevereiro de 1966

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

A vida maravilhosa de Alberto Schweitzer (V)

(Continuação)

Rumo à África

Numa sexta-feira santa de 1913, o casal missionário embarcou, como sempre numa carruagem de terceira classe, na estação de Günsbach. No domingo de Páscoa, tomou lugar num barco. No porão seguiam 70 caixas com material, ferramentas e medicamentos. Começara a grande aventura!

E' interessante verificar que, no entanto, Schweitzer não era um visionário. Estava empolgado pelo desejo de servir os negros, mas tinha feito todos os cálculos para que a sua iniciativa fosse coroada de êxito. Tem-se a certeza disso quando se descobre que na sua bagagem seguiam também 2000 marcos de ouro. Sua esposa mostrou-se surpreendida por ele não levar antes notas de banco, ao que o marido explicou: *Devemos contar com a possibilidade de uma guerra, caso em que o ouro conservará o seu valor em qualquer parte do mundo, enquanto o destino do papel-moeda será problemático.* Schweitzer tinha sido um paladino do entendimento entre a França e a Alemanha. Ele, que amava os dois países, sabia que os povos das duas nações desejavam a paz, mas não se entregava a ilusões porque conhecia a complexidade do problema.

Missão

Não vamos sequer tentar descrever o que foi a obra de Schweitzer. Isso não é possível no espaço de que dispomos. Também é difícil imaginar o ambiente, as condições e o clima em que iam trabalhar. Isso só será possível àqueles que tenham já estado em contacto com regiões tão inóspitas, agressivas e perigosas. A selva domina e enleia tudo. A humidade satura a atmosfera, é difícil saber-se onde acaba a terra e principiam os pântanos e rios. Muitos julgarão que os maiores perigos vêm das feras, das serpentes e de outros animais da selva. Mas a verdade é que os mais perigosos são os pequenos insectos que levam a doença do sono, a desinteria e a malária. Foi neste clima rude que Schweitzer empenhou a vida. Ele próprio teve de construir com suas mãos as instalações da aldeia-hospital. A par disso, a acção médica era exaustiva. 'As primeiras horas da manhã iniciava a tarefa de socorrer doentes e só terminava quando a noite forçava a interromper a clínica. E que doenças! Desde a lepra, a loucura, passando por toda a gama de enfermidades até às chagas mais repelentes, que enchiam corpos em que dificilmente se encontrava forma humana, causando tal repugnância que nem os indígenas suportavam e só a muita devoção do casal Schweitzer permitia que fossem tratados. Sua mulher foi a companheira indispensável para tornar possível este milagre de amor.

Quando Schweitzer chegou a Lambaréné, teve de improvisar a sala de operações num galinheiro. Os indígenas, desconfiados do «branco», espreitavam pelas frinchas o resultado da operação. Logo confiaram no «grande mágico», porque primeiro «matara» o doente e, depois de o tratar, tinha-o trazido de novo à vida.

A guerra é estúpida

Mas esta generosa obra humanitária não iria prosseguir durante muito tempo. Ao fim de nove meses da sua chegada, Schweitzer já tinha tratado mais de dois mil doentes, muitos dos quais nas condições mais deploráveis. Em 1914, a guerra eclodiu na Europa e a guerra é sempre estúpida. Por isso, o grande médico e missionário foi imediatamente detido porque era alsaciano, e, portanto, naquela altura alemão. Com residência fixada no hospital, até 1917 pôde exercer a sua filantrópica acção. E a sua presença era agora ainda mais necessária, porque os brancos, privados da estadia de dois em dois anos na Europa, não suportavam o clima e adoeciam. Eram os «inimigos» alsacianos quem os socorria. Apesar disso, o casal embarcou sob prisão para França. O último amigo a apresentar-lhe cumprimentos de despedida foi o Superior da Missão Católica, que lhes apertou calorosamente as mãos e exclamou: *Não posso deixar-vos partir sem vos agradecer todo o bem que haveis feito nesta região.*

Os «perigosos» missionários foram internados num campo de concentração e aí mesmo continuaram a socorrer e a animar aqueles que sofriam.

Finalmente, foram trocados por prisioneiros franceses e puderam alcançar a sua terra natal, mas a sua saúde ressentiu-se da reclusão.

De novo na Alsácia

Na Alsácia abriram-se-lhe novamente todas as portas. O hospital ofereceu-lhe um lugar, a paróquia o mesmo cargo em S. Nicolau, o Colégio de S. Tomé franqueou-lhe o presbitério para residir e voltou à cátedra. O trabalho atingiu a extraordinária intensidade do costume. Conseguiu ainda tempo para terminar os dois volumes da Filosofia da Civilização, que há muito tinha em mãos. Em 14 de Janeiro de 1919, nasceu-lhes uma menina, a quem puseram o nome de Rhena, que veio a ser também uma grande colaboradora do missionário e lhe assistiu nos últimos momentos em Lambaréné, tendo ficado como presidente da Fundação Alberto Schweitzer.

Assinado o Armistício, a Alsácia voltou a ser francesa, como antes de 1870. Então, Schweitzer tornou-se conhecido por ser contìnuamente visto a caminho até à ponte de Reno, em Kehl, para levar alimentos a alemães, que se encontravam famintos.

Apesar de exercer plena actividade, Schweitzer nunca mais se acomodaria à vida na Alsácia. Apreciava as oportunidades de estudo, de acção artística, de comunicação que a Europa oferecia, mas o seu coração estava em A'frica. Voltou a fazer conferências, concertos, apelos, percorreu a Europa e particularmente foi à Suécia, à Dinamarca, à Inglaterra, à Checoslováquia, angariou e ganhou fundos que lhe permitiriam tornar ao Gabão.

Em princípio de 1924, estava pronto para nova viagem. Sua mulher não o poderia acompanhar porque a sua saúde estava abalada e os cuidados da filhinha não permitiam a partida. Mas Schweitzer ganhara um assistente, um jovem inglês, estudante de química em Oxford, Noel Gillespie, que se apaixonou pela obra missionária e se prontificou a acompanhá-lo. Em 1 de Fevereiro de 1924, estavam de novo a caminho de A'frica.

(continua)

CAETANO ALBERTO, O HOMEM E O ARTISTA

Seguimento da pág. 5

As impressões da Abrunheira constituem um quadro bucólico digno de Corot e por si só bastam para fazer a reputação de um literato. Têm cor, sinceridade, sentimento...

Muito e muito obrigado por se ter lembrado de quem é

De V. Ex.ª Amo. certo e atto. venor. obgmo.

Luís de Castro

Tal era a opinião em que Caetano Alberto era tido pelos ilustres contemporâneos.

Outra característica do mestre era o seu belo carácter. Tendo-se elevado através do seu próprio esforço, auxiliava os outros na luta pela vida. Para tal, montou uma escola de gravura em madeira, de que foram discípulos Jorge dos Reis Boaventura, António F. Vilaça, Domingos Cazelas Branco, Manuel Diogo Netto, depois também gravador de renome, Rosalino Feijó, José António Kjölner e José Augusto de Oliveira.

Pelo que fica exposto, se vê quanto Caetano Alberto constituiu um exemplo. As neves tombaram-lhe sobre os cabelos, as rugas sulcaram-lhe a face. Mas, incansável, trabalhava, trabalhava sempre. E, quando, em 6 de Novembro de 1924, a morte veio, repentinamente, suspender a sua tarefa, Caetano Alberto deixava, além de profunda saudade pela sua elevação moral, uma obra que constituiu, entre nós, tanto pela quantidade como pela arte revelada, um verdadeiro tesouro artístico.

Manuel Ferreira